



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH CAMPUS III
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Comunicação: dos conflitos ao cimento social

Ítalo Alan¹
Lidmillie de Castro¹
Sheila Gomes¹
Verusa Pinho¹

RESUMO: O presente artigo debate os diferentes conceitos trabalhados pelo teórico Michel Maffesoli sobre a comunicação e a formação de tribos na sociedade contemporânea. Através do diálogo com outros autores, o texto analisa de que maneira a comunicação se configura como um amplo processo, que envolve inúmeras questões, e o quanto o modelo padrão que perpetua a hierarquia entre classes, etnias e grupos se faz presente na realidade da sociedade pós-moderna. Nesse sentido, a comunicação é apresentada em sua complexidade: conflitos e interação social; técnica e emoção, ao ultrapassar a troca de informações meramente utilitária e se transformar no chamado “cimento social”.

Palavras-chave: Comunicação, sociedade, poder, identidade, tribo.

1. Introdução

Michel Maffesoli é sociólogo, um dos principais nomes da literatura contemporânea quando o assunto é informação e comunicação. No Brasil é um dos autores mais traduzidos e faz parte das referências das principais instituições de ensino superior da área. Seus estudos são baseados, entre outros elementos, nas identidades, nos valores sociais e padrões, que são reforçados pela comunicação, e na busca de visões mais amplas desse conceito, englobando além das mídias, pequenas ações, tudo que é capaz de transmitir algo.

Entre suas teorias, o autor apresenta a ideia do “cimento social”, em época de crise, incertezas e desabamento das antigas utopias políticas. Para Maffesoli, “a comunicação vai além da técnica e enfatiza valores e investimentos emocionais que ultrapassam amplamente a troca de signos ou de informações no sentido utilitário do termo” (*apud* SILVA, 2004, p. 43).

Segundo o teórico, a comunicação é um laço social, colocar em relação, função fática; já a informação é conteúdo, dado. Comunicar é interface, zona de interação, é ir ao encontro do outro. Com base em diferentes “ideias”, conforme teoriza o autor, o presente artigo debate as

¹ Discentes do curso de especialização em ensino da comunicação social da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

potencialidades desse campo em sua complexidade, em busca do respeito às singularidades numa perspectiva democrática e desafiadora.

2. A formação das tribos e o declínio do individualismo

Juremir Silva (2004), durante parecer sobre as ideias de Michel Maffesoli, faz referência ao termo tribalismo, uma das metáforas do teórico da comunicação mais utilizada para compreensão das sociedades contemporâneas.

O termo, que enfatiza a ideia de encontro e do desejo de estar junto, ganhou força com a publicação de uma das suas principais obras - O tempo das tribos -, relacionando-a ao declínio do individualismo na sociedade de massas.

O livro traz uma análise da mudança de enfoque da sociedade pós-moderna apresentando que, nos tempos atuais, há uma saturação e uma superação do princípio de individualização, que é substituído pela necessidade de identificação com um grupo (BIRO, 2011).

Tribalismo é um fenômeno cultural, e não apenas político, econômico e social. Na publicação, a cultura não é tratada como uma consequência da sociedade, mas como um de seus aspectos mais importantes, pois é por meio dela que os indivíduos se posicionam socialmente (idem, ibidem).

O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social. Ele é entendido como a característica cultural que reúne os indivíduos de grupos, como por exemplo, acontece no futebol (torcidas), na religião (missas shows), nas festas (Festival de Verão de Salvador e o Rock In Rio) e nas redes de relacionamento (comunidades do Orkut).

A todo instante mais pessoas buscam pertencer a grupos de interação. As comunidades do Orkut, por exemplo, assim como outros sites de relacionamento, unem pessoas com interesses comuns no convívio, na troca de ideias, no estar junto, na exposição de fatos (sejam eles de ordem pessoal, ideológica ou profissional), que são recebidos e reconhecidos pelos outros membros nas comunidades.

O imaginário tribal retira o indivíduo da solidão para inseri-lo em uma atmosfera de partilha, mesmo que efêmera. Ao buscar a inserção em uma tribo instituída sob a natureza da efemeridade, o indivíduo adota comportamentos que viabilizam, simultaneamente, sua identidade e sua evidência em relação aos outros membros do grupo.

Segundo Maffesoli (2000), o processo tribal tem contaminado o conjunto das instituições sociais, a exemplo da instituição familiar, que tem sofrido profundas transformações nas últimas décadas. O lugar nuclear da família deu espaço a uma redefinição de papéis, materno e paterno, seja em sua organização ou na constituição de identificação e subjetividade. A família pós-moderna encontra-se na condição de perdedora de seus referenciais principais para uma formação de sujeito, vindo a ser substituída, pelo amparo e acolhimento da ilusão a que as tribos se oferecem. E o poder de atratividade das tribos provoca nos indivíduos o desejo de transitar constantemente de um grupo para outro.

3. Comunicação, Sociedade e Cultura

Maffesoli distingue a Comunicação como um fenômeno relacional. Comunicação é tudo e está em tudo. Para ele a comunicação vai além de simples informações e do uso de mídias. Comunicar é estar em “comum”, comungar. Nesse contexto, os valores emocionais são muito mais significativos do que a simples troca de dados ou informações.

O sociólogo esclarece que a função da comunicação é o contato, o simples “depositar em relação”, a chamada função “fática”, enquanto informação é conteúdo, valor operativo, funcional, um dado fornecido. Já a Comunicação é socialidade, aquilo que faz com que a sociedade não se dissolva: o “cimento social”.

Giddens (2005, pag. 41-42) entende por socialização o processo de absorção de costumes característicos dos grupos sociais. Esse processo é de vital importância, pois é através dele que os indivíduos aprendem sobre os papéis sociais. Cabe também ao processo de socialização a garantia da sobrevivência da cultura entre as gerações.

Segundo o autor supracitado, mesmo com todos os indivíduos passando pelo processo de socialização, mantém-se uma identidade. A identidade relaciona-se ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm consigo mesmas e sobre quem elas são. “Durante sua formação no processo também ocorre à identidade social referindo-se as características que são atribuídas a um indivíduo pelos outros.” (GIDDENS, 2005, pag. 43-44)

Maffesoli privilegia a ação de consumir-se na sociedade. Consumir-se é estabelecer laço social: comunicar. Consumir é isolar-se do mundo numa atitude individualista. Um exemplo é o ato de comprar carros com o objetivo de facilitar a mobilidade. Como cada pessoa tem o mesmo ato de forma individualista, as ruas ficam lotadas de veículos, congestionando o

trânsito e atrasando a vida da maioria dos cidadãos. Assim, para o filósofo, consumir-se e consumir vão de encontro um ao outro. Consumir-se é a parte positiva, onde a vida é tida como objeto principal, usufruída de maneira satisfatória, enquanto que consumir significa alienar-se, entrincheirar-se, isolar-se do resto.

Com Maffesoli passa-se da sociologia crítica, que pretende fornecer uma moral ao mundo e estabelecer-lhe um “dever-ser”, à crítica da sociologia, uma abertura para a sociologia descritiva e etnográfica a partir da qual toda cultura tem seus próprios padrões de comportamento, os quais parecem estranhos às pessoas de outras formações culturais.

Dessa forma, surgem as ideias de como devem ser estudados os nichos culturais e as tribos. Uma delas é o etnocentrismo, em que se pensa na hierarquização das culturas segundo alguns critérios. “Podendo ser o critério de capacidade de produção material pode-se dizer que uma cultura é mais avançada do que outra. Ou então, se compararmos essas culturas de acordo com seu controle de tecnologias.” (GIDDENS, 2005, pag.40). No entanto, essa forma de pensamento não leva em conta a adaptação ao ambiente, comparando valores com realidades distintas.

A concepção de Michel Maffesoli segue a linha de raciocínio do relativismo cultural. O relativismo afirma que cada cultura tem seus próprios critérios de avaliação e, para tal avaliação ser construída, é necessário reprimir uma cultura aos critérios de outra. Sendo assim, uma cultura tem que ser estudada em seus próprios significados, conexão, costumes e transformações.

4. Comunicação: paradigma e singularidades

Para discutir hierarquia, Michel Maffesoli analisa como a sociedade pós-moderna está ligada a padrões, que já estão enraizados na sociedade, mas que se apresentam em um conceito novo. O chamado paradigma estético ganha espaço e se reforça nos pequenos gestos e situações que revelam traços marcantes, bem como as singularidades dos grupos.

A sociedade está interligada, faz parte de conexões que aproximam identidades, núcleos que têm a mesma proposta, compartilham as mesmas ideias e, ao mesmo, tempo ainda reúnem preconceitos, dando espaço ao instântaneo, um *carpe diem* reinventado que está relacionado à valorização do que pode ser breve, como o conceito de beleza.

No dia a dia das pessoas, as singularidades se fazem presente, mas a comunicação de diferentes maneiras, inclusive sem diálogos, transforma determinados padrões em “superiores”, hierarquizando os diferentes espaços sociais.

No texto *Interfaces*, de Juremir da Silva (ibidem), o autor cita o exemplo do jantar e das posições ocupadas por cada um dos elementos; das arquibancadas dos estádios de futebol e a delimitação de áreas específicas para cada grupo, referindo-se ao teórico da comunicação. Nesse contexto, identifica-se, visivelmente, a influência dos *status quo* e da necessidade de demonstração do poder refletida na compra de um ingresso mais caro ou na pulseira utilizada para delimitar o acesso a área VIP (*Very Important Person*), que em português significa *pessoa muito importante*, o quanto essas características fazem parte das relações estabelecidas.

Num momento em que se fala tanto de redes, quebra de padrões e fronteiras, a partir do que é colocado por Maffesoli e outros autores é possível perceber como os espaços, sejam físicos ou não, possuem barreiras muito grandes ao limitar o acesso de indivíduos e grupos.

Algumas características analisadas por Maffesoli se completam quando avaliadas em conjunto com outros autores. Um deles é Roberto DaMatta, que em várias obras, uma delas *O que faz o Brasil, Brasil?* traz um estudo do comportamento dos brasileiros em determinadas situações, elencando singularidades e conflitos que estão presentes na rotina desse povo, seja no trabalho, na família ou na vida social.

Em diversos capítulos dessa obra, DaMatta vai tratar de questões como identidade, hierarquia, os espaços delimitados pelas relações e o antagonismo, um dos traços do povo brasileiro. Maffesoli identificou também no Brasil um campo amplo para a pesquisa. Para muitos autores, aqui é possível visualizar as misturas, diferenças, os traços que aproximam e ao mesmo tempo distanciam essa nação.

A importância de compreender a comunicação como sinergia, sociabilidade, respeito às diferenças, conexão em redes, pluralismo, senso comum, tribalismo, identificação, hibridismo, *carpe diem*, entre outras atribuições elencadas por Maffesoli, está expressa também na teorização de outros autores.

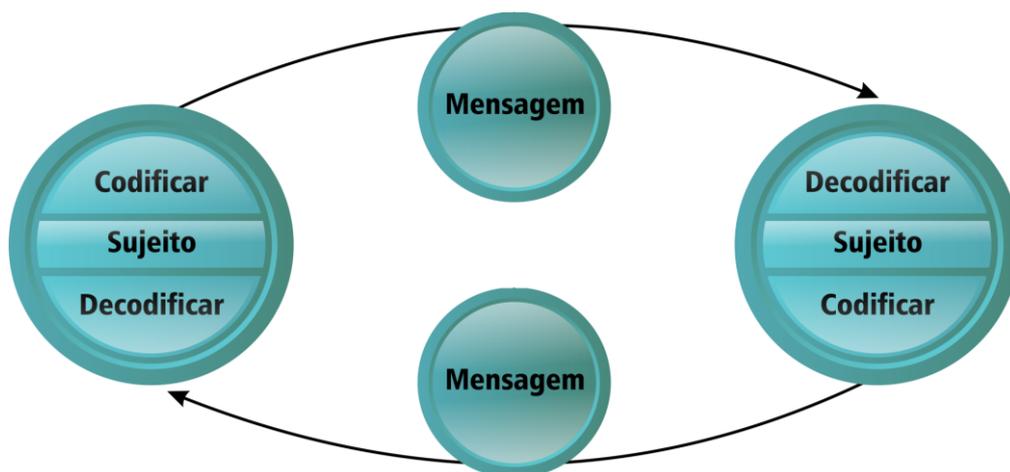
5. Comunicação: potencialidades diversificadas

Jesus Martín-Barbero (2003) afirma que a comunicação está se convertendo num espaço estratégico a partir do qual se podem pensar em bloqueios e contradições que dinamizam as sociedades. Entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva, desloca-se o eixo dos meios às mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais com base em diferentes temporalidades e pluralidade de matrizes culturais.

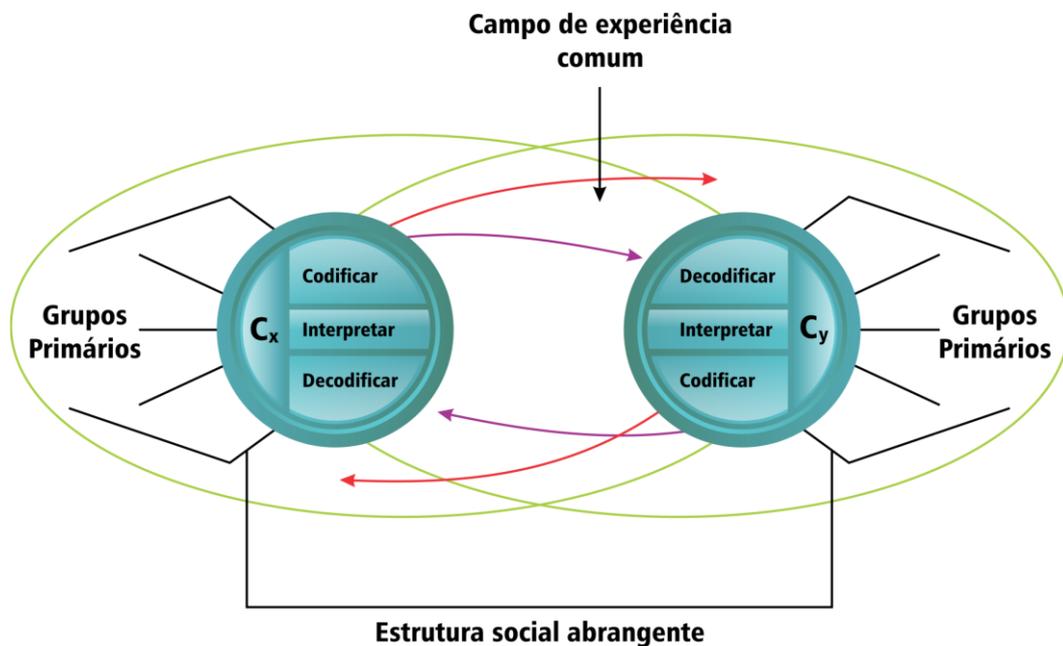
Se para Maffesoli, comunicação não é meio, mas fim, o prazer ajuda a resistir à violência uniformizadora do sistema, não podendo ser reduzido à lógica da produção. Do consumismo (individualista) ao consumir-se, fazer parte. Da sociologia crítica à crítica da sociologia, “narrativa do vivido”. É o que propõe o sociólogo francês.

Segundo Luyten (1988), o comunicólogo norte-americano Wilbur Schramm² dizia que uma mensagem obtinha os efeitos desejados se estivesse na razão direta do interesse suscitado. Interesse que desperta a memória e se transforma em ação. Nesse sentido, é essencial o uso de signos comuns, tanto da parte do comunicador quanto da parte do receptor.

Modelo de comunicação funcionalista abrangente proposto por Schramm



² Fundador do campo acadêmico da comunicação de massas e do Instituto de Pesquisa em Comunicação da Universidade de Illinois, 1947: ação bélica dos EUA durante a II Guerra Mundial. Teve grande importância nos estudos do Ciespal – *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina*, bem como na difusão do pensamento sobre redes de comunicação e desenvolvimento socioeconômico; potencial educativo dos meios de comunicação e função social dos *media*.



Os teóricos de *Frankfurt* afirmavam que a ideologia está presente na prática de uma sistematização que orienta os indivíduos para instrumentalização, enquanto potenciais consumidores, adotando padrões de comportamento. A notícia, como produto a ser vendido, foge de seu objetivo maior: a informação de maneira impessoal. Por outro lado, a recepção do público nem sempre adquire um caráter passivo. Os canais televisivos são um exemplo disso. O poder de escolha está em apenas um *click*. Os telespectadores têm condições sociais distintas, desenvolvendo ideologias e modos de pensar variados. A escolha é pessoal, apesar das influências. É a indústria cultural e a cultura de massa passando pela narrativa do vivido, exercício da identificação e do hibridismo.

Maffesoli defende a ascensão do estético, homem da comunicação, na era da pós-modernidade. Conexões, subversão, ruído, trajetos antropológicos, bacias semânticas, sistema, misto de palavras, objetos e gestos, poética globalizante, contato, diálogo. Nesse contexto, podemos citar o educador Paulo Freire (1996), que destaca a importância da pedagogia da autonomia, centrada em experiências respeitadas da liberdade.

Indo além do conceito tradicional de comunicação, enquanto jogo de poder entre sujeitos que, através da linguagem e mediante crenças sobre relações imaginárias busca atingir determinada

intenção, Goergen (2010) cita a relevância da ação comunicativa enquanto chave da aprendizagem, práxis pedagógica, numa política de não-violência e tolerância.

Ao falar a respeito da Invenção do Contemporâneo, o jornalista e sociólogo Muniz Sodré faz uma reflexão sobre a ignorância da diversidade. Sodré mostra como um determinado pensamento abstrato e teórico sobre a diversidade acaba desviando a atenção sobre a fundamental importância da existência da diversidade. Para ele, somente na diversidade e nas relações que se criam a partir dela, é que podemos montar as redes de afeição e relacionamentos que precisamos para a nova realidade mundial. Para além da tolerância, o autor defende o reconhecimento e o respeito ao outro.

De acordo com o sociólogo francês Maffesoli, a comunicação se faz pela mídia, telenovelas, canais dominantes, mas, principalmente, pelos subterrâneos dos imaginários populares, na profundidade das aparências do cotidiano. A Educomunicação, criada por educadores latino-americanos nos anos 70, inspirados em Mário Kaplun e Paulo Freire, seria um bom exemplo de comunicação diferenciada que prioriza, em especial, a função educativa dos *media*. Trata-se da formação de cidadãos ativos, criativos e críticos, promovendo a mudança do autoritarismo e da unidirecionalidade das mensagens para processos de reflexão, crítica, respeito mútuo, diálogo e participação.

A CIPÓ – Comunicação Interativa, organização civil sem fins lucrativos, é um exemplo de instituição que trabalha sob essa ótica: transformar a vida de meninas e meninos de classes populares por meio da Comunicação. O propósito da ONG é promover a formação de crianças, adolescentes e jovens através do uso qualificado e criativo das tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Para isso, o grupo atua nas escolas públicas capacitando professores e alunos para que utilizem a metodologia da Educação pela Comunicação no processo de ensino/aprendizagem de conteúdos curriculares.

Um dos projetos da ONG é o *Agentes de Comunicação para o Desenvolvimento* (ACD), com jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Em centros comunitários de multimídia, o grupo realiza programas que promovem o uso inteligente e criativo das TICs, capacitando jovens nas comunidades como agentes de comunicação, a fim de que a utilizem como ferramenta e estratégia para o desenvolvimento local. Nesse contexto, os participantes se tornam observadores, *advocacy*, aptos a atuarem nas instâncias sociais com base na participação

qualificada em busca das políticas públicas. A comunicação transforma-se, dessa maneira, em instrumento de integração, o “cimento social”, conforme afirma Maffesoli.

A TV Brasil seria outro exemplo de conexão entre essas duas áreas do conhecimento que tem contribuído com o exercício da função educativa dos *media*: televisão pública nacional, independente e democrática, com a finalidade de complementar e ampliar a oferta de conteúdos, oferecendo uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania.

Comunicação para o desenvolvimento, socialização da técnica para ir muito além dela, essa é uma das ideias debatidas por Maffesoli. Segundo Carla Aragão, em sua dissertação de mestrado (2011), a comunicação é condição fundamental para o pleno desenvolvimento das sociedades. A democratização dos meios contribuirá, especialmente, para o surgimento desse desenvolvimento diferente, centralizado na qualidade de vida, e não exclusivamente na quantidade e variedade dos bens produzidos.

Ao citar dados do Comitê Gestor da Internet (2007), Aragão revela que somente 66,7% dos brasileiros nunca acessaram a internet. 85% não têm acesso à rede em suas casas. Segundo a jornalista, os dados reforçam a urgência da socialização da internet enquanto ambiente capaz de ampliar o exercício da cidadania, considerando sua dimensão estratégica no desenvolvimento da participação popular e de políticas públicas que atendam aos anseios da população.

6. Considerações finais

Ao longo do texto, o autor se aprofunda em diversas questões apresentando a comunicação como algo amplo, que possui vários recortes, mas se une no todo. Um fenômeno de complexidades, identidades, valores e que precisa, cada vez mais, de um olhar desprovido de preconceitos, mas aberto a possibilidades.

Classificando conceitos e teorias como “ideias”, Maffesoli oscila do conflito ao “cimento social” como instrumento de integração. Em meio à técnica, a emoção; do conteúdo ao laço social. É a comunicação e suas singularidades interferindo no dia a dia dos cidadãos e na formação dos grupos sociais.

Nesse sentido, estudar o fenômeno enquanto parte da dinâmica social torna-se fundamental para a identificação de potencialidades e o melhor aproveitamento de sua aplicação em diferentes espaços, por sujeitos distintos, com base no diálogo e no exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Carla Azêvedo de. **Experiências de Comunicação para o Desenvolvimento:** tecendo orientações para emergente política de comunicação do estado da Bahia. Salvador, 2011. Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia (UFBA) no programa de Gestão e Desenvolvimento Social, curso de Mestrado Multidisciplinar Profissionalizante em Desenvolvimento e Gestão Social.

BIRO, Janos. **O neo-tribalismo e a crítica à civilização.**
Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2963782>. Acesso em: 28 set. 2011.

CIPÓ COMUNICAÇÃO INTERATIVA. <http://www.cipo.org.br> Acessado em: 28 set. 2011.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES. <http://www3.eca.usp.br/> Acessado em: 27 set. 2011

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4ª ed. São Paulo: Atmerd, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

SILVA, Juremir Machado da. **Interfaces:** Michael Maffesoli, teórico da comunicação. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/401/329>
Acesso em: 10 out. 2004

TV BRASIL. <http://tvbrasil.org.br> Acessado em: 28 set. 2011

UMA AMÉRICA Latina de muitas vozes. Salvador, 2011. Documentário (32min). Autoria de Carla Azêvedo de Aragão como parte da dissertação de mestrado no Programa de Gestão e Desenvolvimento Social, UFBA.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yEBRFHiVyVE>>.
Acesso em: 29 set. 2011.